

## APRESENTAÇÃO

Agressão e riso num mundo em decomposição.  
Apresentação à tradução de *Notas sobre o conflito social hoje*, de Theodor W. Adorno e Ursula Jaerisch

Yasmin Afshar

yasmin.afshar@cmb.hu-berlin.de  
(Humboldt-Universität zu Berlin, Berlim, Alemanha)

*Notas sobre o conflito social hoje* é o resultado da colaboração entre Theodor W. Adorno e Ursula Jaerisch<sup>1</sup> na análise dos protocolos produzidos pelos estudantes em dois experimentos realizados por Adorno: os seminários “Sociologia do riso” e “Conflito social”. Adorno os ministrou no Instituto de Pesquisa Social (IfS) na Universidade de Frankfurt entre 1964 e 1965 e no verão de 1965, respectivamente. O caráter experimental dos cursos residia na proposta de levar os alunos a descreverem detalhadamente e interpretar situações de riso e conflito. Desse modo, o professor visava o desenvolvimento da capacidade para a *experiência sociológica primária*. Consta no protocolo da primeira sessão do seminário sobre o riso que Adorno comparou seu intento ao de Max Horkheimer, que teria “ensinado seu cachorro a latir”. Os estudantes deviam tomar contato com o imediatamente vivido, deixando de lado certas “teorias complicadas” e “métodos artificialmente elaborados” que bloqueavam essa capacidade elementar, tão primária quanto o latido de um cão (Schöler, 2003, p. 100).

Os conflitos sociais tratados em seminário, entretanto, não são do mesmo tipo que daqueles examinados pela sociologia empírica à época, ocorridos em foros tradicionais de disputa e negociação e sujeitos a análises quantitativas. “A temática deve limitar-se de preferência a uma briga entre sogra e nora em detrimento de grandes disputas salariais, porque na briga da sogra os problemas sociais são menos filtrados do que nas lutas oficiais” (Arquivo TWA Pr 024/02). Essa escolha, expressa por

---

<sup>1</sup> Ursula Jaerisch nasceu em 1936, em Berlim. Depois de um período de formação superior em Göttingen e Viena, ela foi estudar sociologia em Frankfurt, motivada pelo trabalho de Adorno e Horkheimer. Em 1966, tornou-se pesquisadora do Instituto de Pesquisa Social (IfS) e participou de várias pesquisas coletivas, como *Trabalho das mulheres na família e na fábrica (Frauenarbeit in Familie und Fabrik)*, publicado com outras duas pesquisadoras do IfS, Christel Eckart e Helgard Kramer, em 1979. A partir de 1978, deu aulas na Universidade de Bolonha durante dois anos. Atualmente, vive em Berlim.

Adorno na apresentação do seminário sobre conflito social, não é uma arbitrariedade metodológica: ela repousa na constatação de que os conflitos laborais, antes potenciais transtornos da ordem, haviam sido incorporados como elementos funcionais do sistema social. Porém, isso não significava que o antagonismo estrutural havia desaparecido, mas que deveria ser encontrado *alhures*. Para apreendê-lo, então, seria fundamental desaferrar a sensibilidade, assim como a imaginação sociológica. Ofuscada por teoremas e conceitos enrijecidos, a sociologia é incapaz de captar aquilo que está além de seus esquemas preestabelecidos. É o caso da sociologia do conflito, representada nas *Notas* por Ralf Dahrendorf e Lewis Coser; mas também de certo uso da categoria de luta de classes pela teoria marxista tradicional.<sup>2</sup>

Coser considera o conflito como um fator *produtivo*, um mecanismo de “ajustamento, manutenção e adaptação” das relações sociais. Lançando mão de noções como “adaptação” e “persistência da vida do grupo” (Coser, 1964, p. 31), ele defende que quanto maior a integração dos conflitos ao funcionamento do maquinário social, menor o risco de instabilidade do todo. Em oposição à concepção de Talcott Parsons, segundo a qual os conflitos são elementos disfuncionais do sistema social, que é composto de complexos estáveis, a sociologia do conflito retoma a concepção de Georg Simmel acerca do caráter essencialmente conflituoso da sociabilidade, tese esta exposta no ensaio *A natureza sociológica do conflito*<sup>3</sup> (*Der Streit*).

Isso significa, parafraseando as primeiras linhas do ensaio de Simmel, que nenhum grupo pode ser completamente harmonioso, já que para isso ele seria desprovido de processo e estrutura. Grupos requerem desarmonia, bem como harmonia, dissociação, bem como associação; e conflitos em seu interior não são fatores disruptivos de modo algum (Coser, 1964, p. 31).

A incorporação do conflito à dinâmica e à estrutura corresponde a reconhecer sua função no interior da ordem, afastando a ideia de que conflitos são necessariamente “fatores disruptivos”. Em um artigo de 1950, considerado inaugural da sociologia do conflito (Krysmanski, 1971, p. 15), a socióloga americana Jessie Bernard declara que seus colegas haviam negligenciado a análise dos conflitos sociais para evitar serem confundidos com marxistas ou “apologetas do conflito”. Tornando explícito o caráter altamente político do novo campo sociológico, ela afirma que:

Se aprendermos sobre os conflitos, desarmamos as partes em conflito; elas ficam

---

2 O termo “marxismo tradicional” não aparece no artigo de Adorno e Jaerisch, tendo sido usado por Moishe Postone (2014) para descrever a linha teórica marxista que compreende o capitalismo primariamente como uma forma de exploração de classe, estruturada pela propriedade privada dos meios de produção e por uma economia regulada pelo mercado. A crítica de Marx, segundo a interpretação de Postone dessa perspectiva, tem como foco a *distribuição* do mais-valor, e não a *produção*, de tal modo que a modernização capitalista passa ilesa da crítica.

3 Título dado à tradução brasileira (não integral) do ensaio (Simmel 1983).

expostas, vulneráveis. Até que as pessoas conhecessem as táticas comunistas, estas últimas funcionavam de forma efetiva; quando expostas, elas perderam grande parte de sua potência (Bernard 1950, p. 16).

O uso ostensivo de uma terminologia militarista - “desarmar”, “expor” e “tornar vulnerável” - combina-se com a exposição de uma estratégia de luta contra os comunistas, ao gosto da doutrina Truman. Mas a neutralização do conflito aqui em causa se dá no campo epistêmico: torná-lo um objeto racionalmente compreensível significava amenizar sua ameaça à estabilidade social. Uma sociedade que permita conflitos internos em diferentes *fronts* pode evitar que um só conflito coloque em questão o consenso básico. Daí a necessidade de tornar o conflito, por assim dizer, endêmico.

Convertida em fator inerente ao social, a conflitualidade perde sua potência disruptiva. No artigo “Violência e mudança social”, citado nas *Notas*, Coser investiga o conteúdo racional de revoltas violentas, em particular, do ludismo e dos então recentes tumultos de Watts, ocorridos em Los Angeles em 1965 - considerados como o primeiro motim de grandes proporções da série dos “longos e quentes verões” nos Estados Unidos. Segundo Coser, esse fenômeno se explica pelo fato de que, “não havendo outros canais de comunicação abertos, essa minoria mostra seu desespero por meio de atos de violência” (Coser, 1973, p. 86). Mas as forças da ordem, em particular os militares, “tendem a ver todo uso de violência como prenúncio de revolução”, quando isso é “uma forma totalmente falsa de considerar os fatos”. Antes, segundo o autor, é necessário corrigir as “falhas do sistema” que permitem “a desigualdade de funções sociais”, proporcionando, assim, as condições para o progresso social (idem, p. 90). Adorno retomaria essa relação entre conflitualidade e progresso na sociologia do conflito em uma aula dada em maio de 1968, em seu curso introdutório de sociologia:

O núcleo dessa teoria consiste em que, sem conflito, ou seja, sem antagonismo de interesses, algo como o progresso não acontece e ocorre a estagnação social, e por esse motivo a luta ou o conflito de interesses deve ser, por assim dizer, consagrado como constituinte vital da vida social (Adorno, 2008, p. 172).

De fato, para Dahrendorf, seguindo Simmel, o conflito tem uma dimensão *vital*: “onde há vida humana em sociedade, há também conflito” e as sociedades “se diferenciam na violência e na intensidade dos conflitos” (Dahrendorf, 1965, p. 171) e não por sua presença ou ausência. Conforme Adorno e Jaerisch, desde Simmel, esse conceito hipostasiado de luta tem como modelo básico a disputa concorrencial capitalista. O modelo do “conflito de grupos de interesse” nivela as classes sociais a qualquer outro grupo,<sup>4</sup> elevando a concorrência a fenômeno primário do sistema social.

---

<sup>4</sup> “A categoria de grupos de interesses é uma categoria geral; todos os grupos secundários devem ser entendidos como grupos de interesse - um clube de xadrez, uma associação profissional, um clube

Na mesma aula de 1968, Adorno afirma ainda que essa abstração da concorrência dos seus nexos sociais e sua elevação a invariante faz com que:

...[se desconheça] completamente que o próprio conflito de interesses, presente na concorrência, forma um resíduo diluído de conflitos muito mais profundos, os conflitos de classe, e que aqui se trata de conflitos que acontecem depois da ocorrência da decisão do conflito central, aquele que se refere a quem dispõe dos meios de produção, e que portanto a concorrência acontece - para usar a expressão de Marx - no âmbito da “apropriação da mais-valia” já realizada e não explica a mesma, de modo que as questões efetivamente centrais [do conflito não são tratadas] (Adorno, 2008, p. 174).

Essa referência a Marx remonta ao debate sobre a concorrência entre capitalistas, apresentado no capítulo “A ilusão da concorrência” do livro 3 do *Capital* (Marx, 2017, p. 915). Ali, Marx trata dos elementos determinantes no cálculo do preço das mercadorias: o salário (preço do trabalho), os juros (preço do capital) e a renda (preço do solo). A concorrência entre os produtores no mercado, diz Marx, seria menos decisiva para a determinação dos preços do que a repartição do mais-trabalho entre os capitalistas industrial, monetário e fundiário, que ocorre ainda na esfera da produção. Dessa ideia, Adorno deriva a tese de que o núcleo essencial da sociabilidade conflituosa deve ser procurado na disposição desigual dos meios de produção, ou seja, na divisão entre classes sociais - e não no momento da concorrência.

Por outro lado, a integração dos conflitos de classe ao âmbito da administração de Estado no pós-guerra forneceu à sociologia do conflito certo conteúdo de verdade. Ou seja, para Adorno e Jaerisch, o fato de a luta de classes ter-se “transformado tão claramente em levantamentos de dados sobre conflitos sociais” (p. 97) expressa sua funcionalidade real. Nesse sentido, corrigir a hipóstase do conceito de conflito não pode significar substituí-lo pelo conceito de luta de classes, pois também este adquire um estatuto problemático ao passar pelo crivo da observação das transformações da dinâmica social. É aí que as *Notas* alertam para os enrijecimentos ocorridos também na teoria marxista tradicional da sociedade, em particular, no recurso a um conceito de luta de classes isolado e transformado em chave interpretativa universal com desfecho necessariamente revolucionário.

A luta de classes supõe, argumentam Adorno e Jaerisch, não somente o antagonismo em si, mas também a consciência de ambas as partes, sem a qual o “conceito [de luta de classes] se volatiliza em uma abstração dos antagonismos de classe objetivos e indecifrados” (p.99). Se apenas um dos lados tem consciência de si, não há luta concreta. A absorção gradual dos trabalhadores assalariados ao modo de vida burguês, sua conversão em “cidadãos de direitos”, o aumento de seu poder de compra, o surgimento de uma “classe média”, a falsa harmonia social vinculada

---

de futebol, assim como um partido político ou uma classe social” (Dahrendorf, 1957, p. 172).

pela indústria cultural espetacularizada, assim como a conversão crescente dos seus representantes tradicionais (sindicatos, partidos) em peças da administração pública são fatores para o enfraquecimento da consciência da classe e, conseqüentemente, para o caráter “virtualmente invisível” da luta.

O fato de que as *Notas* intervenham sobre o debate da integração do proletariado não é casual: afinal, sua redação tinha por finalidade, desde a sua concepção, a publicação no volume comemorativo do 60º aniversário de Wolfgang Abendroth (Maus 1968), um conhecido sociólogo de Marburgo e dissidente à esquerda do Partido Social-Democrata (SPD). De acordo com Abendroth, o SPD tendia, desde o fim da Segunda Guerra, cada vez mais à direita e:

... submeteu-se, na prática, à estabilização da velha ordem social, aceitando o papel que lhe fora atribuído pela doutrina social-cristã e, mais tarde, pelos teóricos econômicos do SPD: não o de opositores de classe (*Klassengegner*) mas o de “parceiros sociais” do capital (Abendroth, 1968, p. 180).

Para Adorno e Jaerisch, entretanto, não se trata meramente de acometer contra os quadros sindicais por sua imperdoável capitulação, mas de compreender os limites históricos da luta sindical dentro da dinâmica da acumulação capitalista. “Em reação à ameaça revolucionária, mas também pela própria lógica histórica, o peso do elemento imanente no conceito de proletariado aumentou”. Se é verdade que a integração do proletariado pela via do consumo e da conquista de direitos, aproximando-o do modo de vida burguês, foi uma resposta política ao perigo de uma revolução social no imediato pós-guerra, também não é falso que a luta corporativista por “uma parcela do produto social maior do que o mínimo precário” tende, desde o início, para a integração.

A análise dos conflitos secundários nas *Notas* revela, porém, que a integração, entendida como a interdependência universal de todos os aspectos da vida social em uma socialização total, alcança objetivamente seu oposto, a desintegração. Em larga medida, é deslindado o potencial fascista da sociabilidade antagônica. Nesse sentido, o fato de que Adorno tenha redigido esse artigo em colaboração com Jaerisch não parece casual<sup>5</sup>. Quando Jaerisch, então pesquisadora regular do IfS, iniciou a preparação do material dos seminários sobre o riso e sobre o conflito, em 1966, o recém-fundado Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD), de extração

---

5 Benzer & Krause (2020) fazem referência à interpretação de W. Schütte, segundo a qual o artigo seria de autoria principalmente de Adorno, uma vez que os trechos manuscritos são inequivocamente seus. Ora, conforme relato da própria Ursula Jaerisch, por telefone, em dezembro de 2020, o texto contou com pelo menos três ou quatro versões; no Arquivo, constam apenas duas. A tarefa de analisar os protocolos dos alunos, bem como resumir os principais pontos da teoria de Coser e Dahrendorf foi a primeira atribuição de Jaerisch como pesquisadora regular do IfS. Segundo Jaerisch, as versões enviadas por ela foram amplamente corrigidas e reformuladas por Adorno, o que resultou no “estilo por vezes proustiano, característico de Adorno” do texto final, como comentou a própria socióloga.

abertamente neonazista<sup>6</sup>, obtivera 8 das 96 cadeiras do parlamento regional de Hessen (estado onde se encontra Frankfurt). Esse período foi também marcado pela desaceleração do crescimento econômico, o que levou a Alemanha Federal, pela primeira vez desde a sua fundação, à estagnação. Daí porque algumas correntes sociológicas da época terem comparado o fortalecimento do NPD ao do partido nazista durante a República de Weimar. Os já tradicionais estudos sobre o autoritarismo do IfS ganhavam, assim, uma nova modulação; não tardou a formar-se ali um grupo de pesquisadores e pesquisadoras para analisar a recepção da propaganda do NPD, do qual Jaerisch também participou. O estudo propunha aplicar em contexto alemão da escala F, utilizada na *Personalidade Autoritária*<sup>7</sup>. Dessa colaboração, resultou também o trabalho de doutorado de Jaerisch, *Os trabalhadores são autoritários?*<sup>8</sup>, que consiste em uma análise dos resultados da pesquisa em equipe acerca do potencial eleitoral do NPD. A autora realiza ainda uma crítica metodológica à escala elaborada na *Personalidade autoritária*, apontando que os questionários estão pensados para serem aplicados de maneira não-específica, não distinguindo segmentos da classe trabalhadora dos setores médios da sociedade (Jaerisch 1975).

Em abril de 1967, os nexos entre a integração do conflito entre capital e trabalho e a força desintegradora do novo fascismo são explicitados por Adorno. Convidado pela União dos Estudantes Socialistas da Áustria, ele concedeu duas palestras: uma sobre conflito social e uma seguinte sobre o fortalecimento do radicalismo de direita na Alemanha. Ministrada em 5 de abril, a primeira corresponde, com algumas alterações na ordem da exposição e na formulação dos argumentos, à versão final das *Notas*, publicada apenas em 1968. Se na palestra “Sobre o problema do conflito social hoje” Adorno se concentra nas manifestações da crise no interior da sociabilidade, em “Aspectos do novo radicalismo de direita” trata-se de apresentar as dimensões políticas, econômicas, psíquicas e simbólicas para a ascensão do NPD<sup>9</sup>. Acrescente-se a isso que a primeira palestra, de caráter mais teórico e conceitual, foi, ao que tudo

---

6 Grande parte dos fundadores, das lideranças e dos apoiadores do partido haviam sido membros do Partido Alemão do *Reich* (DRP), dissolvido em 1965. O DRP, por sua vez, foi o sucessor do Partido Socialista do *Reich* (SRP), banido pelo Tribunal Constitucional Federal, em 1952, por seu teor neonazista. O NPD se insere, portanto, na linha de continuidade dos partidos de extrema-direita que remonta ao partido nazista, NSDAP (Borowsky 1983, p. 38). O primeiro programa do NPD, lançado em novembro de 1967, defendia “a recusa da ‘mentira da culpa coletiva’, a restauração da unidade alemã, a luta contra o comunismo e o ‘americanismo’... [e atacava] o ‘monopólio’ reivindicado pelos ‘partidos de Bonn’, assim como sua ‘política de renúncia’ [*Verzichtpolitik*]” (idem, *ibidem*).

7 *The Authoritarian Personality*, publicada em 1950 nos Estados Unidos, é o resultado da pesquisa elaborada por Adorno, Daniel Levinson, R. Nevitt Sanford e Else Frenkel-Brunswik. Trata-se da aplicação da escala F (“F” de “fascismo”), criada como instrumento de identificação de atitudes e traços típicos da personalidade autoritária, com base num questionário. Os textos de Adorno que integram a pesquisa foram traduzidos e publicados no Brasil (Adorno 2019).

8 O doutorado de Jaerisch foi orientado por Adorno e, depois de sua morte, por Ludwig von Friedeburg.

9 As duas palestras podem ser ouvidas na midiateca virtual do Museu da Tecnologia de Viena (Adorno [1967]). A transcrição da palestra “Aspectos...” foi traduzida e publicada no Brasil (Adorno 2020).

indica, quase inteiramente lida, enquanto a segunda foi uma fala mais espontânea, desenvolvida com base em algumas notas, com referências a trabalhos anteriores intercaladas por reflexões sobre a conjuntura.

Na primeira palestra, sobre o conflito, o potencial de desintegração da sociedade é tratado a partir da análise social de fenômenos aparentemente psicológicos e comportamentais; na segunda, Adorno mostra que a crise social enseja a atualização do repertório de truques do fascismo. Finalmente, nas *Notas*, trata-se “também de revelar os momentos fascistóides da sociedade”, como observou Jaerisch numa conversa por telefone, em janeiro de 2021. Em consonância a essa formulação, na primeira palestra, Adorno estabelece uma relação explícita entre o “potencial de desintegração” e o fascismo histórico (elemento ausente da versão final do artigo), lançando uma ponte para o tema do dia seguinte:

Esses grupos representam um perigo potencial não tanto para a ordem, e mais para as minorias ou para os politicamente inconformistas: em caso de crise, a energia da luta de classes, alienada de seu objetivo primário, pode ser usada contra eles - *como já uma vez sob o fascismo*. Esse potencial é de desintegração (Adorno, [1967]).

As *Notas* propõem analisar os pontos cegos da integração: é justamente em suas fraturas que a “energia da luta de classes”, desviada da própria luta já pacificada, retorna violentamente - dessa vez apontada contra os grupos marginalizados e opositoristas. A decomposição dos vínculos de solidariedade, o atomismo social e os sentimentos de impotência conduzem os indivíduos a nutrir fantasias de simbiose típicas de ideários nacionalistas e antissemitas. Esse desvio libidinal e social em direção à “integração negativa” (Adorno 2015a, p. 176), ou mesmo à aniquilação pura e simples do bode expiatório da vez, é um dos traços elementares do fascismo.

O correlato psicológico da transfiguração fascista é a prevalência do narcisismo secundário sobre outras estruturas psíquicas - embora a dimensão psíquica não seja a causa última do fascismo, conforme Adorno tanto insiste. A rejeição narcísica da separação primordial entre eu e mundo, ou seja, a incapacidade do eu de lidar com os sentimentos de impotência e desamparo, leva-o a alucinar com um mundo feito à sua imagem e semelhança, preservando a ilusão infantil de onipotência. No nível coletivo, isso corresponde à coesão do grupo de adeptos em torno do líder e ao ódio pelos *out-groups*. O investimento libidinal no líder fascista ocorre conforme essa mesma lógica: tudo aquilo que coloque a onipotência delirante do líder em questão é rejeitado com fúria. Esse traço narcísico aparece em diversos protocolos mencionados nas *Notas*, a exemplo dos episódios de riso sádico coletivo e a zeringa com estudantes. Adorno já havia notado que estes últimos, juntamente com os intelectuais e os opositoristas, são alvos preferenciais da agressão fascista, já que “qualquer tipo de crítica ou autoconsciência é ressentida como uma perda narcísica e incita a fúria” (Adorno, 2015b, p. 177).

Não somente o fascismo não deve ser reduzido à sua dimensão psicológica (estrutura narcísica), como as raízes mesmas do narcisismo devem ser procuradas na dinâmica própria à sociedade de massas<sup>10</sup>. A generalização da relação de troca impõe a abstração das qualidades em favor da equivalência e reduz o trabalho humano ao conceito abstrato de “tempo de trabalho social médio”, abstração esta que se converte em mediação universal da experiência. Os indivíduos são reduzidos a “máscaras de caráter”, ou seja, à sua função no interior da realização do valor - algo que aparece na sociologia funcionalista, no conceito de papel (*Rollenbegriff*), no entanto de forma isolada e convertida em algo absoluto (Adorno, 1997, p. 509). Mas essa impotência objetiva dos indivíduos, então reduzidos a anexos do sistema, cede lugar ao “sentimento de impotência”, ou seja, à ferida narcísica e à angústia de perceber a falsa superpotência do eu. A recusa dessa frustração conduz à regressão narcísica, base psicológica da sociedade de massas. A supressão da heterogeneidade em nome da identidade, a impossibilidade das relações imediatas com a alteridade e a impotência formam algo como um amálgama de traços comuns à sociedade fetichista e ao narcisismo (Jappe, 2017).

A regressão narcísica associada ao fetichismo da mercadoria fornece uma interessante chave de leitura também para as *Notas*. “O fato de os consumidores serem realmente apêndices da produção leva-os, por sua vez, a se ajustarem ao mundo das mercadorias e então também objetificarem as suas relações com os outros indivíduos” (p.104). Os indivíduos e suas relações com os outros são embrutecidos à proporção que a relação com as mercadorias é investida de libido. Nesse sentido, uma outra oposição recorrente nas *Notas* é aquela entre a experiência viva (imediata) e o mundo morto (mediado pelo valor). Chama a atenção o uso de expressões como “sujeitos vivos”, “seres humanos vivos” e “experiência viva”, com o objetivo de reforçar o contraste com o caráter mortífero do trabalho abstrato. Além disso, Adorno e Jaerisch travam debates diretos com a *Lebensphilosophie* de Simmel e Bergson no que se refere ao conflito e ao riso. Da mesma forma que uma suspeita sobre a glorificação do conflito é lançada, também a tese de que o riso poderia dissolver os enrijecimentos do vivente e recuperar o imediato é problematizada. Adorno e Jaerisch sugerem que somente as camadas superiores poderiam ter uma tal ideia acerca do riso, quando na realidade este é hoje um elemento conformista por excelência. Apesar dessa crítica, é de se notar o parentesco entre noções como “experiência primária” e “experiência subjetiva não controlada” (*ungesteuerte subjektive Erfahrung*), introduzidas no artigo, e o conceito bergsoniano de intuição.

Essa aproximação tensa com a filosofia da vida que percorre as *Notas* recoloca a cada vez a questão central do texto, anunciada em suas primeiras linhas: a relação

---

<sup>10</sup> Para uma análise social do narcisismo, ver Lasch (1983) e Jappe (2017); sobre o tratamento dado por Adorno a essa problemática, ver Cook (2001).

entre teoria e experiência. Em Bergson, o *elã vital* se opõe ao automatismo e ao enrijecimento da reificação crescente; para Adorno, entretanto, essa concepção eleva o imediato a absoluto, desconectando-o de seu momento conceitual e reflexivo e, inadvertidamente, reificando esse momento (Adorno, 2009, p. 277). O conceito de experiência em sentido enfático, para além do sentido empobrecido da experiência positivista e da hipóstase do imediato (ou da vida), consiste na abertura reflexiva para aquilo que escapa ao conceito (Jay, 2006, p. 137). Isso exige, além da confrontação constante com o não-eu no objeto, o reconhecimento daquilo que, no próprio sujeito, advém da objetividade social. Ao examinar processos sociais de reificação, é preciso ser capaz de identificar o que no próprio aparato conceitual é reificado. A quebra do atual enrijecimento da teoria social, enrijecimento que reproduz o processo mais geral da sociedade que dá origem aos conflitos sociais, é a condição de possibilidade para a compreensão desse fenômeno: o que Adorno e Jaerisch chamam de “uma combinação entre a imaginação e o faro para os fatos” (p.100).

Além da reflexão acerca da prática sociológica, as *Notas* fornecem outra boa pista para decifrarmos os conflitos sociais de nossos dias: a centralidade adquirida pela esfera da circulação. Nos protocolos apresentados, as alterações se passam no mais das vezes na rua, no trânsito, na loja, na calçada, no bonde. Visto que os conflitos entre capital e trabalho haviam se convertido, eles também, em objeto de administração, o antagonismo básico como que se volatilizara por todos os níveis da vida social.

Ora, a segunda metade da década de 1960 é marcada pelo surgimento de lutas sociais de nova espécie, também ocorridas, sobretudo, na esfera da circulação. Não mais marcada pela identidade de classe, a revolta deixa de ser expressa majoritariamente pela luta sindical<sup>11</sup>, e toma a forma do motim - o bloqueio de praças e a construção de barricadas, tal como nos já referidos tumultos de Watts analisados por Coser. O modelo de negociação institucional que fundamentava a integração dos conflitos sociais até então não comportava as novas lutas em razão de sua própria estrutura. Esse fato, porém, escapou a Coser; ele acreditava ainda ser possível reinserir as demandas da juventude negra de Los Angeles nos canais legais de negociação. De forma análoga, Martin Luther King considerava necessário reconduzir a fúria da população negra de Watts à via não-violenta, embora ele tenha reconhecido que os motins apontavam para uma cisão do movimento: “A mera condenação da violência é, no entanto, vazia caso não se entenda a violência diária que nossa sociedade inflige sobre muitos de seus membros. A violência da pobreza e da humilhação fere com a mesma intensidade que a violência do cacete” (King

---

11 As greves e as insurreições nos locais de trabalho ocorrem, porém, com incrível intensidade nesse período, mas são sobretudo “*wildcat strikes*”, associadas à sabotagem na produção, insubordinação e absenteísmo - pouco mediadas, portanto, pelas negociações sindicais (Chamayou, 2020).

1965). De outro lado, em um texto distribuído nos Estados Unidos já em 1965, Guy Debord chamou a atenção justamente para os limites da luta por direitos civis, quando travada no interior da ordem institucional:

É óbvio que a ilegalidade superficial, ultrajantemente visível, ainda aplicada aos negros em muitos estados americanos tem suas raízes em uma contradição socioeconômica que não está sob a alçada das leis existentes, e que nenhuma lei *jurídica* futura pode sequer desfazer, face às leis mais fundamentais da sociedade na qual os negros americanos enfim ousam pedir para viver (Debord, 1966, p. 4).

Quando os garantidores da ordem são desde sempre os algozes de uma população racializada, não há justiça possível dentro da ordem. Restaria saber em que medida essas revoltas configuram ainda expressão pulverizada do conflito de classes, como querem Adorno e Jaerisch, ou se manifestam algo de qualitativamente outro.

Em todo caso, a prevalência das ações coletivas na esfera da circulação pode ser correlacionada com a chamada reestruturação produtiva - o declínio do fordismo, a automação e a formação de uma sociedade de serviços. Por sua vez, esse desenvolvimento integra a crise mais ampla do trabalho desde o fim dos anos 1960, ou seja, o processo de expulsão massiva de trabalho vivo do processo produtivo. Dele resulta um contingente cada vez maior de pessoas dispensáveis para a produção de valor. O antagonismo passa a aparecer, assim, sob outras formas que não mais na oposição tradicional entre capital e trabalho ou, pelo menos, não mais diretamente.

Tal como os bandos de jovens delinquentes de todos os países avançados, mas mais radicalmente porque fazem parte de uma classe globalmente sem futuro, de um setor do proletariado incapaz de acreditar em qualquer chance significativa de promoção e integração, os negros de Los Angeles tomam ao pé da letra a propaganda do capitalismo moderno, sua publicidade de abundância (idem, ibidem).

Não mais dependente do salário, mas ainda subordinada aos produtos do mercado e seus preços, essa população supérflua é arrastada e pressionada exclusivamente para a esfera da circulação. Paralelamente, como mostra Joshua Clover (2016), a greve perde espaço para o motim enquanto forma de ação coletiva hegemônica. Nesse processo, a centralidade do conflito se desloca da fábrica para as ruas, do enfrentamento com a gerência para o enfrentamento com a *polícia* - instância armada para garantir a “boa ordem” da circulação.

De certo modo, algo dessa metamorfose na fisionomia da sociedade é já decifrado nas *Notas*. Contudo, Adorno e Jaerisch chamam a atenção particularmente para o desdobramento “fascistóide” desse processo de crise. Em *Aspectos do novo radicalismo de direita*, Adorno apontaria que a angústia da desclassificação (*Deklassierung*), difusa por todos os segmentos sociais, é a base objetiva para que o momento fascista da sociedade venha à tona.

... apesar do pleno emprego e apesar desses sintomas de prosperidade, o fantasma do desemprego tecnológico continua a rondar de tal modo que, na era da automatização (...), também as pessoas que estão no processo de produção sentem-se já como potencialmente supérfluas (Adorno, 2020, p. 47).

Assim compreendida, a desclassificação não consiste na mera queda para uma classe inferior, mas na expulsão dos indivíduos de suas estruturas sociais; eles “perdem seus empregos, mas continuam sendo mônadas de trabalho; não têm dinheiro, mas têm que ser sujeitos de dinheiro (*Geldsubjekte*)” (Schandl, 2002, p. 3). A crise do trabalho, origem da desclassificação, fornece, portanto, a base objetiva para “o sentimento de impotência” de nossa época.

Por outro lado, levar a lição de Adorno e Jaerisch a sério significa não inserir a interversão fascista da sociedade em um esquema conceitual mecânico. Nas últimas linhas de *Aspectos...*, Adorno enfatiza justamente que o radicalismo de direita não deve ser analisado como uma “catástrofe natural”, sobre a qual se pode fazer previsões; isso implicaria “uma espécie de resignação na qual as pessoas desligam-se enquanto sujeitos políticos” e “uma má relação de espectador com a realidade” (Adorno, 2020, p. 77). A tendência à desintegração não é mero desencadeamento automático de um processo previsível; portanto, deve ser considerada em sua *ambivalência indeterminada*, que marca ademais o desenvolvimento de qualquer processo de crise social. Os setores tornados supérfluos, fragmentários e atomizados pela sociedade do valor podem bem dar outro sentido ao sentimento de impotência que não sejam as fantasias regressivas narcísicas. Afinal, a passagem para a “sociedade ingovernável”, entendida pelos conservadores como um apelo ao reestabelecimento da ordem<sup>12</sup>, é também um protesto contra a falsa conciliação. Adorno também esteve atento para essa indeterminação:

As experiências de impotência real são tudo, exceto irracionais; nem mesmo propriamente psicológicas. Somente elas permitem a esperança de uma resistência contra o sistema social, em vez de ele ser mais uma vez incorporado pelos seres humanos (Adorno, 2015a, p. 111).

Dos tumultos de Watts de 1965 até a insurreição desencadeada pela morte de George Floyd, um mesmo fio condutor: a resistência violenta, mas também racional, contra uma ordem preparada, inclusive militarmente, para reprimir uma população supérflua racializada. A “energia da luta de classes, desviada de seu objetivo primário” aparece aqui como “resistência contra o sistema social”, como forma de luta justamente do setor condenado à condição de “classe sem futuro”, fragmentado e atomizado. Ainda que as *Notas* não visem manifestações dessa natureza, o texto

---

<sup>12</sup> “Ingovernável” foi o termo empregado por teóricos conservadores, como Samuel Huntington, para se referirem à espiral de reivindicações que pressionava o Estado keynesiano a partir do final da década de 1960. Para uma análise acerca da rearticulação do poder implicada por esse termo, ver Chamayou (2020).

nos convida a atentar para as expressões circunstanciadas do antagonismo de forma imaginativa e reflexiva. Admitindo que a sociedade do valor não funciona apesar de suas contradições, mas graças a elas, cabe ao teórico social perceber a forma manifesta do antagonismo a cada momento, sem tentar encaixá-la à força em uma configuração já conhecida. E, assim, poder vislumbrar nos acontecimentos “mensagens clandestinas da libertação possível”.

## Referências

- Abendroth, W. (1968). *Sozialgeschichte der europäischen Arbeiterbewegung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- Adorno, T. W. (1967). *Aufnahmen und Vorträge von Theodor W. Adorno* (Arquivos de áudio). Recuperado de: <https://www.mediathek.at/oesterreich-am-wort/aus-aktuellem-anlass/archivaufnahmen-von-und-mit-theodor-w-adorno/> Acesso em: 02 fev. 2021.
- Adorno, T. W. (1997). “Theodor W Adorno über Marx und die Grundbegriffe der soziologischen Theorie. Aus einer Seminarmittschrift im Sommersemester 1962”. In: Backhaus, H. G. *Dialektik der Wertform. Untersuchungen zur marxschen Ökonomiekritik*. Freiburg: Ça ira Verlag.
- Adorno, T. W. (2008). *Introdução à sociologia*. Tradução de Wolfgang L. Maar. São Paulo: Unesp.
- Adorno, T. W. (2015a). “Sobre a relação entre sociologia e psicologia”. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, pp. 71-135.
- Adorno, T. W. (2015b). “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista”. In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, pp. 153-189.
- Adorno, T. W. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Tradução de Francisco L. T. Correa, Virginia Helena F. da Costa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Unesp.
- Adorno, T. W. (2020) *Aspectos do novo radicalismo de direita*. Tradução de Felipe Catalani. São Paulo: Unesp.
- Adorno, T. W. Theodor W. Adorno Archiv, Frankfurt a. Main. “Sozialer Konflikt”, Sommersemester 1965. *Seminarankündigungen, -notizen und -protokolle* (Arquivo TWA Pr 024/02).
- Benzer, M. & Krause, J. (2020). “Exposing antagonisms: Adorno on the possibilities of sociology”. In: Gordon, P. et al (ed.). *A Companion to Adorno*. John Willey & Sons, pp. 287-301.
- Bernard, J. (1950). Where is the modern sociology of conflict?. *American Journal of Sociology* 56, pp. 11-16.

- Borowsky, P. (1983). *Deutschland 1963-1969*. Hannover: Fackelträger Verlag.
- Chamayou, G. (2020). *A sociedade ingovernável. Uma genealogia do liberalismo autoritário*. Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu.
- Clover, J. (2016). *Riot. Strike. Riot. The new era of uprisings*. London, New York: Verso.
- Cook, D. (2001). Adorno on Mass Societies. *Journal of Social Philosophy* 32(1), 35-52. DOI: <https://doi.org/10.1111/0047-2786.00077>
- Coser, L. (1964). *The functions of social conflict*. New York: First Free Press.
- Coser, L. (1973). "Gewalt und gesellschaftlicher Wandel". In: Beyme, K.: *Empirische Revolutionsforschung*. Opladen: Westdeutscher Verlag.
- Dahrendorf, R. (1965). *Gesellschaft und Demokratie in Deutschland*. München: Pippe.
- Dahrendorf, R. (1957). *Soziale Klassen und Klassenkonflikt in der industriellen Gesellschaft*. Stuttgart: Ferdinand Enke Verlag.
- Debord, G. (1966). Le declin et la chute de l'économie spectaculaire-merchande. *L'international situationniste*, 10, 3-11. Recuperado de: <https://ressources.org/IMG/pdf/IS-Le-declin-et-la-chute-de-l-economie.pdf> Acesso em: 13 mai. 2021.
- Eckart, C. & Kramer, H. & Jaerisch, U. (1979). *Frauenarbeit in Familie und Fabrik. Eine Untersuchung von Bedingungen und Barrieren der Interessenwahrnehmung von Industriearbeiterinnen*. Frankfurt a. Main; New York: Campus-Verlag.
- Jaerisch, U. (1975). *Sind Arbeiter autoritär? Zur Methodenkritik politischer Psychologie*. Frankfurt a. Main, Köln: Europäische Verlag.
- Jappe, A. (2017). *La société autophage. Capitalisme, démesure et autodestruction*. Paris: La Découverte.
- Jay, M. (2006). Is Experience Still in Crisis? Reflections on a Frankfurt School Lament. In: Huhn, T. (ed.). *Cambridge Companion to Adorno*. Cambridge University Press, pp. 129-147. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL0521772893.006>
- King, M. L. (1965). Beyond the Los Angeles Riots: Next Stop the North. *Saturday Review*, 48, 33-35. Recuperado de: <https://www.unz.com/PDF/PERIODICAL/SaturdayRev-1965nov13/33-35/> Acesso em: 3 jun. 2021.
- Krysmanski, H. J. (1971). *Soziologie des Konflikts. Materialien und Modelle*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Tradução de Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago.
- Marx, K. (2017). *O Capital. Crítica da economia política. Livro III: O processo global da produção capitalista*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo.
- Maus, H. (org.). (1968). *Gesellschaft, Recht und Politik. Wolfgang Abendroth zum 60. Geburtstag*. Berlin: Luchterhand Verlag.

- Postone, M. (2014). *Tempo, trabalho e dominação social. Uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. Tradução de Amilton Reis e Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo.
- Schandl, F. (2002). Desinteresse und Deklassierung. *Streifzüge* 3, Vienna.
- Schöler, E. (2003). Das Lach-Seminar. Anmerkungen zu Theorie und Praxis bei Adorno. *Werkstatt Geschichte* 35, Hamburg: Ergebnisse Verlag, pp. 99-108.
- Simmel, G. (1983). A natureza sociológica do conflito. In: Moraes Filho, E. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática.